

As Mulheres No Conto de Machado de Assis

Denise Lopes Bergamini¹

RESUMO:

O presente trabalho pretende apresentar um estudo sobre as figuras femininas nos contos de Machado de Assis, observando vários aspectos, tais como: adultério, casamento, maternidades entre outros. Temas esses freqüentes no que diz respeito ao universo feminino machadiano. A escolha dos contos é uma nova forma de adentrar nessa obra singular de nossa literatura, apresentando assim, um novo caminho a ser analisado.

Palavras - chave:

Machado de Assis; Contos; Mulheres.

Sabemos que Machado de Assis é conhecido por seus famosos romances, mas é importante que os leitores machadianos utilizem seus contos como um outro caminho, uma nova via de acesso a essa obra singular no panorama de nossa literatura.

Em seus contos, tendo como cenários os salões em que conviviam os elementos das camadas mais privilegiadas, o escritor consegue reconstruir o modo de vida, os arranjos casamenteiros, os casos de adultério e o cotidiano dessa gente.

O universo feminino em Machado mereceu destaque em sua obra e uma das características do escritor era a descrição e o estudo psicológico desta alma feminina.

Machado de Assis era um sábio e profundo conhecedor da natureza humana e sempre foi louvado pela crítica como um grande delineador de personagens femininas e, segundo Alberto Bagby “onde parece que alcançou maior acerto do que na caracterização de figuras masculinas”. (BAGBY, 1991. p. 295)

¹ Mestranda do Programa de Pós – Graduação de Letras: Estudos Literários, pela UFJF. Orientada pelo professor Fernando Fábio Fiorese Furtado.

Alguns atributos podemos encontrar em grande parte de suas mulheres, como um denominador comum: os famosos olhos que sempre foram para Assis o espelho da alma, eram também o espelho do corpo e do comportamento feminino.

As mulheres atuam, geralmente, com uma habilidade e classe fora do comum. Presença forte, mas impiedosamente retratada, com algumas exceções. Embora as privilegie com a inteligência e a cultura que lhes atribui, com o destaque no jogo das ações, em geral sua pena acentua traços de mau caráter, de falta de firmeza, de dubiedade, frivolidade, interesse.

Machado apresenta suas mulheres num contexto romântico conservadoramente reservado: suas descrições são poéticas e ele apresenta as personagens femininas mais sensuais sempre com um sexualismo sugestivo, nunca pesado, franco, cru. Porém, o escritor via a mulher como um elemento social que maneja e comanda, sendo astuciosa e cerebral, divergente, nesse ponto, da mulher romântica. A mulher é apresentada como sendo frágil, dotada de beleza, vaidade, porém, as mulheres machadianas sabem o que querem e onde pisam. Essas características foram encontradas e já analisadas nos romances. Por isso, passaremos a observar essas mesmas características das mulheres machadianas dentro de alguns contos. Nossa opção foi separar por temas e não por conto.

1. Casamento

Observa-se na análise das figuras femininas que existem algumas extremamente ambiciosas. Estas, como não têm a possibilidade de por si realizar suas aspirações, fazem convergir suas próprias ambições e energias para uma carreira alheia, a dos seus maridos. Era o casamento que possibilitava ao sexo feminino reconhecimento e posição social na época. Daí sua grande importância na vida das mulheres machadianas. Podemos observar isso, no conto analisado a seguir, *Uma Águia sem asas*.

Esse conto nos fala da história de Sara Hope, filha de um Sr James Hope. Sara era uma mulher linda e solteira. A história se dá quando três pretendentes resolvem descobrir o que a atrairia em um homem. Então, estes começam a “luta”. Os rapazes se chamavam Jorge, Mateus e Andrade e resolveram fazer um pacto e ver qual deles conseguiria conquistá-la. Depois de algumas tentativas, Andrade descobre o que ela era: uma mulher ambiciosa. Ao

perceber isso, consegue conquistá-la. Andrade demonstra ser aquilo que Sara admirava em um homem, mas não consegue manter essa mentira por muito tempo, e então a moça percebe que se casou com um homem “hábil, digo eu, e nada mais; porque se houve jamais criatura desambiciosa neste mundo, espírito mais tímido, gênio menos desejoso de mando e poderio, esse foi sem dúvida o nosso Andrade”², diz o narrador. Portanto, Sara teve que dar adeus ao seu sonho ambicioso e tentar encontrar a paz doméstica.

Mesmo vendo seu sonho ser desfeito e ter que aceitar sua vida doméstica, podemos perceber que Sara e Andrade são exemplos da delineação de perfis masculinos e femininos na obra de Machado de Assis, de mulheres que agem de forma habilidosa, enredando o homem em sua teia de interesse, nesse caso o casamento, ao passo que o homem, mesmo quando pretende, não passa de um aprendiz desajeitado e inseguro.

Temos ainda o conto, *Confissões de uma viúva moça*. Encontraremos aqui, também, a história de uma mulher casada e que vê no casamento a chance de uma ascensão e um prestígio social. O casamento de Eugênia “foi resultado de um cálculo e de uma conveniência”. Porém, deixa enredar-se pelos galanteios e amores de um moço, Emílio. Mas depois de ficar viúva descobre que foi iludida por ele e se sente culpada por ter correspondido ao jovem e enganado o marido.

Em alguns casos, mesmo sendo conveniente, as mulheres preferiam ter os pretendentes aos seus pés, mas isso não significava que se casariam com eles. É o caso do conto *Onda*, “Na pia chamara-se Aurora; Onda era o nome que lhe deram nos salões”. Ela queria apenas conquistar seus pretendentes. Onda era uma mulher que atraía os homens e, por saber e usar isso, era muito namoradeira. Tinha todos aos seus pés, mas apenas os fazia de bobos.

Passa a juventude até os trinta e três anos, fazendo seus pretendentes sofrerem, tamanho seu descaso por todos. E assim ela os tratava “Onda sabia conservar no espírito de cada um a convicção de sua preferência: uma palavra ambígua, um meneio de leque, um

² Os contos foram todos lidos pela internet, através de um site que reuniu e disponibilizou todos os contos de Machado. Por esse motivo, nas citações não serão encontradas as referências quanto ao número da página. Quanto ao domínio do site, está disponibilizado na bibliografia.

olhar, um gesto, tudo lhe eram armas para combater a dúvida e afirmar a fé dos seus adoradores.”

Quando percebe que está envelhecendo, aí sim, escolhe um deles para se casar, mas observando aquele que lhe trouxesse mais vantagem, ou melhor, aquele que fosse mais conveniente financeiramente.

Um outro aspecto que podemos perceber em Machado de Assis é a realidade dos casamentos de suas figuras. Não seria exagero afirmar que predominam casamentos infelizes, impostos ou realizados por manipulação. No conto *Cinco Mulheres*, encontramos a história de Carolina, uma mulher que casa para agradar ao pai, apesar de amar outro homem.

“Carolina é uma moça de vinte anos, alta, formosa, refeita. Era uma dessas belezas que seduzem os olhos lascivos, e já por aqui ficam os leitores sabendo que Mendonça é um desses, com a circunstância agravante de ter meios com que lisonjear os seus caprichos”. Deve-se ressaltar que esse comentário do narrador se deve ao interesse financeiro do pai, e não de Carolina, que não almejava obter ascensão social através desse casamento, uma vez que ela era apaixonada por Fernando e ele por ela. Porém, Carolina se casa com Mendonça e é infeliz, como era de se esperar.

Outro exemplo desses casamentos infelizes é o conto *Uma Partida*. O narrador dá aos personagens nomes fictícios, Xavier e D. Paula.

Xavier era um fazendeiro rico que se casara com D. Paula. Ele era viciado em jogos e depois de algum tempo casados, ele começa a ir constantemente para o Rio de Janeiro para jogar, enquanto a mulher permanecia na fazenda: “quatro meses depois de casado, Xavier teve de ir ao Rio de Janeiro, onde se demorou poucos dias, mas voltou no mês seguinte, e demorou-se mais, e afinal amiudou as viagens e dilatou as demoras.”

D. Paula fica grávida e próximo de ter o filho, o marido fica na fazenda. O filho nasce morto. Os dois acabam se mudando para o Rio de Janeiro. O casamento era infeliz “o costume e o decoro os prendiam: nenhum deles amava o outro”, e ainda “o casamento fora obra de reflexão e de conselho; (...) um e outro tinham-se enganado: mas estavam unidos, cumpria-se acomodarem-se com a sorte.” D. Paula era muito cortejada e o marido só pensava no jogo,

então, devido ao casamento infeliz e ao descaso do marido, surge uma situação de adultério, tratado mais adiante.

Outro aspecto que salta imediatamente aos olhos é a correspondência entre os contos de Machado de Assis e a realidade da época, no que diz respeito à subordinação da mulher ao homem dentro do matrimônio. É interessante notar que a maior parte das uniões conjugais descritas por Machado de Assis é insatisfatória – e é impressionante notar um aspecto, o do conformismo dessas mulheres diante de seus casamentos desastrosos.

2.Olhar

Os olhos ocupam um expressivo espaço na ficção de Machado de Assis, porém o que neles importa não é o olhar em si, mas o que se oculta dentro dos olhos. Partindo de um elemento singular, chega o autor a uma visão universal do homem e do mundo, transcendendo também o seu tempo e lugar. Os olhos machadianos mostram-se capazes de atrair, repelir, colocar-se fora de alcance. A referência ao olhar deixa de ser principalmente descritiva para se fazer metafórica, permitindo na sua ambigüidade e magia que a personagem se apresente como ser indevassável, misterioso, inexplicável.

Os textos machadianos mostram ainda, o olho como insubstituível instrumento de comunicação entre os homens, mais completo e eficaz que a palavra. Em certos momentos, a linguagem dos olhos pode mesmo contradizer o significado das palavras e revelar o que elas silenciam. Numa sociedade que recomendava à mulher a contenção do comportamento, natural que à linguagem do olhar coubesse a expressão do que a jovem era obrigada a guardar dentro de si. “Assiste-se a um leve erguer do véu que o oculta, e o narrador com sutileza e muitas reticências alude a silêncios, a olhos que passeiam, que fitam com insistência, ou baixam, confusos.” (BOSI, 1999, p. 12)

Em *Uns Braços*, Inácio, com seus olhos "de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber", mal ousa levantar os olhos do prato ou da xícara, e então, após a refeição, passeia-os pelos quadros da sala de jantar. Na verdade não os vê e passa por eles "como por nada". Pela educação recebida, ao princípio não ousa fitar os braços de D. Severina. Esta por seu lado mira o rapaz "por baixo dos olhos"; mas a figura do mocinho

anda-lhe por "diante dos olhos como uma tentação diabólica." Todo um clima de atração, de descoberta, de infiltração sinuosa, de ocultação, de denso silêncio, um silêncio carregado, envolve os dois, o jovem e a senhora. O narrador não precisa enunciar nada explicitamente, como se ele também cerrasse os olhos para ver melhor. São poucos na verdade os pensamentos registrados explicitamente e mínimas as palavras trocadas entre as personagens. O que vale é o que apenas é sugerido, o não-dito.

Em *Missa do galo* a situação repete-se: D. Conceição é a mulher que passa algumas horas com o seu jovem hóspede à espera da missa do galo na corte. Enquanto o seu companheiro não vem, Nogueira conversa com D. Conceição. Ela enfiou "os olhos por entre as pálpebras semi-cerradas, sem os tirar de mim". Nunca desvia do rapazinho os seus "olhos espertos". Enquanto conversam, os olhos de Nogueira têm consciência da nudez parcial dos braços de D. Conceição: "a vista não era nova, posto não fosse comum", e ele então se embaraça na sua fala, emenda assuntos, percebendo que "os olhos dela não eram bem negros, mas escuros". Em momentos de silêncio imagina que D. Conceição terá adormecido.

Mas os olhos cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. "Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente."

É então, num desses momentos, que o jovem tem a impressão de que ela, apenas simpática, "ficou linda, ficou lindíssima". Finalmente o encanto se desfaz e ela passa a olhar à toa. Muito mais que a sedução das palavras, impera a mútua atração do olhar.

No conto *A cartomante*, esta é assim descrita: "Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos." Na adjetivação quase uma antítese. Quem diz sonsos, parece insinuar a falta de inteligência, a precariedade do diálogo, olhos de alguém perdido no próprio mundo. Por outro lado, agudos alude ao poder de penetração desse olhar, no caso o olhar da cartomante, com força para descobrir o íntimo do outro, até o que está por vir.

Quanto à descrição dos olhos de Quintília, do conto *A Desejada das gentes*, "tinha os olhos, como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da última noite, mas apesar de noturnos, sem mistérios nem abismos (...) e foram os risos dela, de parceria com os olhos, que

me doeram muito durante certo tempo”. Era pretendida por muitos, porém não via no casamento nada que a agradasse, por isso, resiste até o fim, mesmo amando um desses pretendentes. “Tinha essa espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos”. Os “olhos derramados” e “sem mistérios” parece nos mostrar que ela não pretendia esconder que olhava a todos, mas que realmente não queria nenhum.

Em *Onda*, “via-se que ela conhecia a fundo esta arte de atrair e prender os corações e as vontades com um simples volver de olhos, um simples meneio de leque (...) Onda sabia que tinha os olhos bonitos: volvia-os a cada momento.” A moça usava o olhar para tudo: “Dizendo isso Onda cravou em Ernesto um desses olhares que, procurando animar uma resposta, deixam o espírito em perplexidade e confusão (...) esse olhar era tudo.” Ernesto não podia mais resistir e Onda “estava segura de seu triunfo.” Em vários textos acentua-se o silêncio das palavras e a eloqüência do olhar.

“O olhar tem a vantagem de ser móvel (...) O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama e detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento.” (BOSI, 1999, p. 10)

Já *D. Benedita* é um conto que versa sobre a psicologia feminina. A personagem é elaborada a partir do sentido do termo veleidade, que, no entanto, só será revelado ao leitor nas últimas linhas do conto. A personalidade da protagonista é contaminada pela indecisão. Surgem a hesitação, a volubilidade, a inconstância no eterno vai, não vai; casa, não casa; viaja, não viaja. Percebemos o caráter dado pelos olhos, geralmente descritos com qualidades subjetivas, pois uma das características machadianas é que a qualificação não se limita ao emprego rigoroso de termos objetivos, muito pelo contrário, ao falar de uma parte do corpo, necessariamente dotada de materialidade, ele, de alguma forma, a desmaterializa por uma adjetivação de caráter subjetivo, como fez, por exemplo, com Capitu, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” ou “olhos impertinentes”, em *Confissões de uma viúva moça*.

A descrição dos olhos e da boca de D. Benedita demonstram como em Machado a arte de dissimular estava relacionada a esses olhos e boca. “Os olhos são vulgares (...) A boca é daquelas que, ainda não sorrindo, são risonhas”. Como dito anteriormente, os olhos aparecem

com um qualificativo subjetivo: vulgares, e, juntamente com a boca, parecem demonstrar o caráter dessa mulher.

Porém, ela se encontra em um outro patamar, em relação às mulheres firmes e decididas de Machado. Embora tenha sido privilegiada pela beleza, a veleidade é que define a personalidade da protagonista: mulher de vontade fraca, hesitante e inconstante.

Antônia, a segunda das *Cinco Mulheres* é “armada de olhos e sorrisos capazes de frustrar os planos mais bem combinados e enfraquecer as vontades mais resolutas.

Antônia era uma mulher assim”.

Novamente os olhos e o sorriso que parecem ser capazes de dissuadir os fracos homens machadianos.

Temos, finalmente, o conto *A menina dos olhos pardos*, Helena. Uma jovem de dezessete anos, que morava com o pai, que lhe fazia as vontades, incluindo entre estas, o casamento. A menina só se casaria com quem quisesse e assim foi. Ao falar de seus olhos, o narrador diz “mas a natureza por um de seus caprichos dera-lhe olhos pardos que não podem ter o brilho dos pretos nem mesmo dos castanhos. Os de Helena ganhavam em serenidade e graça o que perdiam no fulgor.”

Como dissemos, da visão da caracterização externa dos olhos, passou-se insensivelmente à expressão do temperamento ou dos problemas dos personagens, dos seus desejos mais íntimos e de suas emoções.

3.Descrição

Partindo para a descrição dos personagens, podemos notar que ela é feita física e psicologicamente.

D. Benedita é lapidada com tamanha perfeição que quase pode ser tocada, pressentida pelo leitor em suas pequenas ações: “vê que não lhe dou Vênus; também não lhe dou Medusa. Ao contrário de Medusa, nota-se-lhe o alisado simples do cabelo, preso sobre a nuca”. Percebemos que ela é daquele rol de mulheres machadianas que são dotadas de beleza e graça, sedução e magnetismo, colocadas quase como deusas.

No conto *Uns braços*, Inácio, jovem ajudante de solicitador na Corte, apaixona-se platonicamente pela dona da casa em que está hospedado, D. Severina. Vejamos a descrição dos personagens desse triângulo. Começando pelo marido Borges temos apenas a informação de que ele era “antes grosseiro que mal”.

Já Inácio “tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que advinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido”. Convém observar que Machado não costuma descrever assim personagens masculinos, apenas as personagens femininas.

D. Severina é descrita a partir de seus braços “ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina”. O marido não reparava nela, nem nos braços, ao contrário de Inácio: “de pé era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase só a via a mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto”.

Já em *Uma Águia sem Asas*, logo no início, a pergunta era o porquê de Sara ser solteira, já que sua “beleza era incontestável, reunia a graça brasileira à gravidade britânica (...)”, e além de tudo “era rica e ocupava uma invejável posição na sociedade”. Porém, temos seu lado psicológico, a personalidade de Sara, que “em tudo parecia dominar os homens; a voz, o olhar, as maneiras(...)”. Sara não demonstrava o menor interesse por nenhum dos três, apesar de já ter percebido a pretensão dos rapazes, tratava-os “com tanta bondade e graça que parecia indicar uma criatura *coquette* e frívola”, porém “quem atentasse alguns minutos, conheceria que ela era mais irônica que sincera, e por isso mesmo os igualava, os desprezava a todos”.

O Anjo das Donzelas nos conta a história de Cecília, que era uma linda menina de 15 anos, que lia muitos romances. Influenciada por essas leituras, Cecília achava que o amor era uma coisa ruim e que nunca ia querer se apaixonar. Numa noite sonha que um anjo a propõe ter um coração frio, para que nunca gostasse de ninguém, e lhe dá um anel que não poderia ser tirado do dedo jamais. Pois bem, passaram-se os anos e Cecília sempre bela e fria, não quis saber de nenhum pretendente. Então, ela se mantém fiel ao pacto que havia feito com o

anjo, até que um dia descobre que fora seu primo, Tibúrcio, o anjo que lhe apareceu. Descobrimos, nesse momento, que tudo foi um sonho e quem lhe dera o anel foi seu primo.

Ao caracterizar suas personagens, Machado é sempre muito completo, ele nos proporciona uma delimitação física e exterior, assim como psicológica e interior das mulheres principais e nesse conto, temos a descrição de Cecília, que começa quando ela está deitada: “a moça que ali se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nu escapando-se do alvo lençol (...) os cabelos negros, esparsos, fazendo contraste com a brancura da fronha (...)”. Cecília é desenhada como um ser divino, ou “certas criaturas”, como diz bem o narrador. É nesse momento que aparece o anjo e lhe propõe o pacto, Cecília então guarda esse segredo por toda a vida, um exemplo de mulher forte, fria e decidida. Não quer amar, não pode amar. O que é certo é que corriam os dias, os meses, os anos, sem que nada mudasse a situação de Cecília. Era a mesma mulher “fria e indiferente” de “coração inflexível”. Mesmo depois de tantos anos, segundo o narrador “era ainda bela” e pretendida. Mas a beleza “continuou a ser um tesouro que a indiferença avarenta guardava para os vermes da terra”, pois não queria ninguém.

E para finalizar, temos a descrição de Helena, *A menina dos olhos pardos*, era “a bondade feita mulher, a bondade inteligente, carinhosa, evangelizada, limpa de cálculo, pura de galantaria (...) possuía as mais belas feições deste mundo; fronte pura, magníficos cabelos pretos, lustrosos, levemente ondedos.” Uma descrição angelical, idealizada, ao estilo romântico.

4. Adultério

Antes de entrar nesse assunto, é interessante fazermos algumas primeiras observações. Uma delas é que a mulher era responsável pela moral familiar, portanto, era necessário defender a reputação feminina de qualquer coisa que pudesse ser vista como mácula – e tal necessidade era prescrita exclusivamente para o mundo feminino, não conhecendo correspondente no masculino.

Por isso, confere-se dois significados a adultério, palavra que, em si, não admite mais de uma definição – e, logicamente, condiciona o comportamento feminino, obriga a mulher à arte da dissimulação, se o objeto do seu amor não coincide com a pessoa do marido.

Feitas essas observações iniciais, passemos a análise dos contos.

O conto, *A missa do Galo*, é narrado em primeira pessoa, e Conceição, nossa personagem feminina, vai crescendo no decorrer da narrativa. Torna-se envolvente, sensual, iluminada. A revelação da personagem é captada através de um flagrante da vida real – um jovem à espera da missa do galo na corte.

A densidade psicológica capaz de criar uma atmosfera voltada para o inusitado deve ser anotada como supremo ato de criação machadiana. A elasticidade temporal também é uma das marcas da genialidade do escritor, pois a marcação do tempo psicológico transcorre independente do tempo cronológico. Ao demorar-se no tempo psicológico o autor faz com que o leitor sinta uma ambigüidade em relação aos acontecimentos, assim como faz em *Dom Casmurro*: a dúvida sobre os fatos. O leitor se vê envolvido em um clima hipnótico que só se desfaz nas linhas finais.

O conto mostra como o desejo pode abrir brechas em situações de opressão. Nada acontece objetivamente entre os dois. O autor pode querer nos dizer que, onde nada aconteceu, tudo pode estar acontecendo subjetivamente.

Já em *A Cartomante*, temos um narrador onisciente, que conta ao leitor uma história de adultério (Vilela, Camilo e Rita). Assim é apresentada a história de uma mulher casada que se torna amante de um amigo de infância de seu marido.

Embora seja o centro da narrativa, o tema do triângulo amoroso é, na verdade, um pretexto para mais uma revelação dos dilemas da consciência, da relatividade dos valores, bem como das fraquezas morais a que todos estão sujeitos, esse sim, o verdadeiro fio condutor dos contos de Machado.

Vilela é um magistrado que abandonou a carreira e se casou “com uma dama, formosa e tonta”. Camilo é um funcionário público e, segundo o narrador, “Camilo preferiu ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público”; Rita, apesar de ingênua, é como as figuras femininas da galeria machadiana, astuciosa e sedutora “Camilo quis sinceramente fugir, mas

já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado”.

Camilo enfrenta um dilema moral menos por ser amante de uma mulher casada que por trair a confiança de um amigo. Deixou de freqüentar a casa de Vilela talvez porque quisesse “diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato”. O narrador está preocupado em vasculhar os desvãos da consciência, sempre mais reveladores da essência oculta sob as aparências.

O fim trágico, que não seria tão surpreendente se o leitor não tivesse a expectativa de um final feliz, é, no fundo, previsível. O narrador cria uma espécie de armadilha, que prende o leitor pela identificação com Camilo, e, em seguida, choca-o com o desfecho abrupto – e irremediavelmente óbvio. Camila e Rita, convertidos em personagens de dramalhão, são, todavia, punidos não pelo adultério, mas pela ingenuidade.

O homem ser adúltero é uma forma de legitimar o comportamento masculino, transformado-o em dado natural, a mulher é o problema. Ela se oferece e se nega, provoca e recusa, tece cumplicidade e recusa a abordagem – a mulher encarna o lado tentação, o lado sensualidade, o lado provocação, a culpada pelo adultério.

O conto *Uns braços*, retoma o triângulo amoroso. D. Severina se sentia aflita pelo fato do interesse de Inácio: “tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral, que ela só conhecia pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era.”

Ela começa, então, a observar o menino “foi então que D. Severina viu que a boca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando ria”. Surge, também, o desejo dela pelo menino “desde a madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica”.

Eis que Inácio está sonhando que D. Severina o beijava e “aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela”. Porém, D. Severina sente a culpa pelo seu ato “dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada”. O narrador descreve, então, o adultério, que é sabido por nós e por D.

Severina, pois para Inácio, ao acordar pensa “-E foi um sonho! Um simples sonho!”, nada aconteceu.

Passemos a Antônia, do conto *Cinco Mulheres*. Casada e apaixonada, o marido “tinha nela a mais plena confiança”, comentário um tanto maldoso e sugestivo, se bem conhecemos Machado de Assis, mas que discutiremos adiante. A felicidade deles era estarem juntos. Uma união perfeita, até que surge um boato de que entre Antônia e um certo homem, Moura, havia “um laço de simpatia amorosa”. Não se diz se esse amor era concreto ou não, eram apenas boatos que as pessoas “viram logo a veracidade”. A única frase que nos remete que Antônia se apaixonou por Moura “era [Moura] uma figura vulgar, às vezes ridículo, sem nada que pudesse legitimar a paixão de uma mulher bela e altiva. Mas assim aconteceu, a grande aprazimento da sombra de La Buyère”.

Após vários comentários, logo no final do conto, depois de não querer ir a uma peça de teatro, Oliveira resolve ir e lá encontra Moura. A idéia do adultério é, mais uma vez, duvidosa, não podemos afirmar que eles se envolveram ou não, porém, retomemos o que o narrador nos diz acima, que o marido tinha confiança na esposa, isso já nos deixa desconfiados, pois seria um comentário desnecessário, se não fosse acontecer nada. Mas devemos também ter em mente que o autor gosta dessas ambigüidades.

Temos que levar em conta, ainda, que Machado retrata o permanente mal – entendido dos encontros humanos, de um ser humano permanentemente acessado por outro, pelas forças da natureza, bem como pelo pior de todos os detratores – seu mundo interno. Então, a dúvida do marido, alimentada pelos boatos dos outros, faz com que nós também tenhamos essa mesma dúvida.

No conto *Cinco Mulheres* faltou falarmos das duas últimas mulheres: Carlota e Hortência. A história é de um adultério duplo, que começa no velório de uma dessas mulheres, Carlota, que morre de desgosto ao saber da traição do marido com a amiga Hortência.

Carlota era apaixonada pelo marido, José Durval e, segundo o narrador “não sei porque apaixonara-se por José Durval”. Viviam em “perfeita paz”, apesar do marido não ser santo, ela nunca descobrira nada.

Depois de separar-se do marido, Hortência vai morar com Carlota, porém torna-se amante de José Durval e Carlota descobre. E depois de uma discussão, Carlota fica doente e morre.

Depois de seis meses, casam-se os dois traidores. Ficamos sabendo, então, que morre Durval de desgosto ao descobrir que Hortência tinha um amante. É importante notar que observamos aqui a lógica que orienta os movimentos da narrativa Machadiana na área dos relacionamentos amorosos, uma cruel metáfora do conjunto das relações sociais que constituem o contexto dentro do que se move o narrador e, por trás deles, o próprio Machado de Assis.

Já Eugênia, do conto *Confissões de uma viúva moça*, era uma mulher que sabia que “tinha superioridade sobre o espírito de meu marido. O meu tom imperioso não admitia recusa; meu marido cedeu a despeito de tudo”.

Emilio, o amante, era uma “figura poética e imponente”. A amizade de ambos, do marido e de Emilio, a incomodava, porém “confesso, minha amiga, que eu podia impor a meu marido o afastamento de Emílio; mas quando esta idéia me vinha à cabeça, não sei por que ria-me dos meus temores e declarava-me com forças de resistir a tudo o que pudesse sobrevir.” A história termina com a mulher sentindo-se culpada por ter de algum modo traído o marido.

No conto *Uma Partida*, D. Paula, depois do desprezo do marido e do casamento infeliz, apaixonou-se por um dos rapazes que a cortejava. O rapaz se chamava Góis e ela decide que irá embora de casa e ficará com ele, o que seria um escândalo na época. Então, no dia que estava combinado para sair de casa, resolve jogar uma partida com o marido. “D. Paula, se alguma dúvida pudesse ter em fugir de casa, já não a tinha agora, via-se-lhe na cara uma expressão de asco e desprezo.” Ela sugere que se ele ganhasse a partida faria o que quisesse com ela, mas se ela ganhasse, queria ter liberdade para ir embora. Durante a partida ele morre.

Podemos notar que D. Paula não se intimida diante dos comentários e da possibilidade de simplesmente sair de casa e mudar-se para a casa do amante. Não se importa com o escândalo que isso causaria. “Para explicar de algum modo esse ato de insensatez, é preciso

não esquecer que ele, sobre todas as coisas, amava o escândalo, e que ela não se sentindo presa por nenhum outro vínculo, mal sabia que se expunha.”

Temos ainda *D. Paula*, uma senhora viúva que mora no alto da Tijuca e raramente sai de casa. A razão de estar na casa da sobrinha no início do conto é para tentar salvar o casamento da moça.

Venancinha, a sobrinha, brigou muito feio com o marido devido ao ciúme dele, porque o marido a julgava apaixonada por outro homem. Realmente, Venancinha estava sendo cortejada por Vasco Maria Portela, filho de um mesmo Vasco que outrora havia cortejado a tia. Forçando uma confissão, D. Paula vai revivendo o passado. Na medida em quem flui o relato da sobrinha, o leitor vai conhecendo a solidão amargurada da protagonista, que salvou sua sobrinha do mesmo tipo de vida.

5. Maternidade

São vários os estudiosos que verificam a frequência de famílias pequenas na obra de Machado de Assis, isto é, de poucos ou nenhum filho - e a ausência em suas histórias do “amor maternal”. As jovens mães não são apresentadas como mulheres muito empenhadas ou envolvidas com seus bebês, filhos menores.

D. Jucunda nos importa por ser tocado no tema maternidade e o seu efeito sobre a mulher, poucas vezes retratado dessa forma entre as mulheres machadianas.

D. Jucunda era uma mulher que vivia com uma senhora, sua madrinha. Tinha a vida boa, diferente de seu pai e sua irmã gêmea. Era bonita, casou-se bem e teve um filho. A irmã também se casa, mas tem uma vida difícil.

“Chegado o tempo, nasceu o filho esperado (...) para dar às graças pessoais de Jucunda definitivo toque. Com efeito, poucos meses depois, Jucunda atingia o grau de beleza, que conservou por muitos anos. A maternidade realçava a feminilidade”. Não se fala da relação da mãe com o filho, mas sim o que esse filho causa na mãe.

Em oposição ao conto anterior, em *O passado, passado*, percebemos a mulher-mãe, cuidadosa e carinhosa com seu filho. Luís Pinto reencontra um amor do passado, Madalena, e tem esperanças de reviver esse amor, uma vez que fora proibido no passado. Porém,

Madalena, apesar de gostar da companhia de Luís, não tem a intenção de casar-se com ele e ele só descobre isso no final, quando sabe que ela irá casar-se com outro. Bom, é Madalena e sua relação com o filho que nos importa. Nesse conto, não encontramos a maternidade afetando psicologicamente essa mãe, e sim, existe a relação maternal, poucas vezes vista em Machado de Assis. Percebemos em várias passagens essa relação carinhosa entre mãe e filho. Primeiro temos a apresentação do filho “estava com ela um menino de seis anos, seu filho.” Temos Madalena ensinando seu filho a lição “achou-a a ensinar a lição ao filho, com o livro sobre os seus joelhos”, mostrando assim, a mãe zelosa que era. Luís ao observar Madalena “comparava a donzela frívola e jovial de outro tempo à mãe desvelada e séria que ali tinha diante de si”. Luís então diz que o filho estava muito desenvolvido e ela concorda “contemplando amorosamente o rosto do filho”. E, ainda um último aspecto, quando perguntada se era feliz ela diz “- Oh! Sou muito feliz! Disse a viúva beijando o filho”, observamos que a felicidade dela estava relacionada ao filho.

Podemos notar que, de fato, o tema maternidade não foi propriamente o tema de Machado, no entanto quando o aborda, normalmente o que lhe interessa é menos a criança do que os estados psicológicos produzidos pela gestação e maternidade nos indivíduos do sexo feminino, sendo importante ressaltar aqui que o autor não se prende nesta abordagem a uma visão idealizada da mulher-mãe.

6.Considerações Finais

Enfim, através de uma superficial análise das figuras femininas nos contos de Machado de Assis verificamos que estes também representam um papel importante em sua obra. É possível notar como essas mulheres são capazes de conduzir a trama ou se tornarem parte importante dela, dentro dos vários temas abordados.

ABSTRACT: The present work intends to present a study on the feminine illustrations in the stories of Machado of Assis, observing several aspects, such as: adultery, marriage, maternities among others. Themes those frequent in what he concerns the universe feminine machadiano. The choice of the stories is a new form of penetrating in that singular work of our literature, presenting like this, a new way to analyze.

KEY - WORDS: Machado of Assis - Stories – Women

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Machado de. “Obra Completa”. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. Disponível em: www2.uol.com.br/machadodeassis> Acesso em: junho/julho/agosto de 2006.

BAGY, Alberto. As mulheres de Machado de Assis. “Veritas”. Porto Alegre, v.36, n.142, p. 295-300, jun. 1991.

BOSI, Alfredo. “Machado de Assis: O enigma do olhar”. SP: Ática, 1999.

CAMARA, J. Mattoso. “Ensaio Machadianos”. RJ: Ao Livro Técnico, 1979.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: “Vários escritores”. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

GALVÃO, Paulo Renato. “A leitura machadiana do olhar”. Disponível em: <http://members.fortunecity.com/prgalvao/aleituramachadianadoolhar.htm>> Acesso em: agosto de 2006.

STEIN, Ingrid. “Figuras femininas em Machado de Assis”. RJ: Paz e Terra, 1984.

XAVIER, Therezinha M. “A personagem feminina no romance de Machado de Assis”. RJ: Presença, 1986.